



RELISE

**TUDO É EMPREENDER? O EMPREENDEDORISMO PRODUTIVO NAS  
MACRORREGIÕES BRASILEIRAS E O PAPEL DOS ECOSISTEMAS  
EMPREENDEDORES<sup>1</sup>**

*IS EVERYTHING ENTREPRENEURIAL? PRODUCTIVE  
ENTREPRENEURSHIP IN BRAZILIAN MACROREGIONS AND THE ROLE OF  
ENTREPRENEURIAL ECOSYSTEMS*

*Eduardo Castelã Nascimento<sup>2</sup>*

As macrorregiões do Brasil, Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul, apresentam diferenças significativas em termos de desenvolvimento econômico. Cada região possui características distintas que afetam seu crescimento e desenvolvimento, como infraestrutura, recursos naturais, atividades econômicas predominantes e investimentos públicos e privados. Essas diferenças refletem-se nos índices de desenvolvimento humano, na distribuição de renda, nas oportunidades de emprego e no acesso a serviços básicos, como saúde e educação, variando consideravelmente entre as regiões do país.

Tais diferenças também devem se encontrar refletidas nos tipos de atividades econômicas realizadas por região. Assim, este editorial procurará identificar quais são as classificações de atividades econômicas por região, a partir de dados da pesquisa de Demografia das Empresas e Estatísticas de Empreendedorismo realizada pelo IBGE, buscando correlacioná-las com a discussão trazida por Baumol (1990) sobre os conceitos de empreendedorismos produtivo, improdutivo e destrutivo.

---

<sup>1</sup> DOI: [doi.org/10.5281/zenodo.10828128](https://doi.org/10.5281/zenodo.10828128)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Paraná. Email: [eduardo.castela@ufpr.br](mailto:eduardo.castela@ufpr.br)



RELISE

2

Após essa primeira aproximação para identificar a composição das atividades econômicas e sua posição na discussão sobre o tipo de empreendedorismo, o editorial passa por uma breve análise do ISDEL (Índice Sebrae de Desenvolvimento Econômico Local), apontando no índice fatores relacionados a esta discussão sobre os tipos de empreendedorismos trazidos por Baumol e, assim, começar a apontar possíveis horizontes para o desenvolvimento nas regiões rumo a um maior número de atividades caracterizadas como empreendedorismo produtivo.

Por último, será discutido o papel dos ecossistemas empreendedores nas diversas regiões do Brasil e sinalizar eventuais caminhos para um empreendedorismo mais produtivo no contexto mundial que atravessamos.

## **EMPREENDEORISMOS PRODUTIVO, IMPRODUTIVO E DESTRUTIVO: NOTAS INTRODUTÓRIAS À TEORIA DE BAUMOL**

William J. Baumol publicou em 1990 um artigo seminal que traz a discussão sobre os tipos de empreendedorismo, dizendo que este pode assumir formas improdutivas ou mesmo destrutivas (Baumol, 1990). Seu artigo, publicado no *Journal of Political Economy*, conta em fevereiro de 2024 com 2.501 citações segundo a *Web of Science*. O artigo explora como a contribuição produtiva das atividades empreendedoras varia entre sociedades, influenciada pela alocação entre atividades produtivas, como inovação, e atividades improdutivas, como a busca por renda ou o crime organizado. Segundo Baumol, a política pode influenciar essa alocação mais efetivamente do que a oferta de empreendedores e o autor usa a evidência histórica de sociedades antigas para investigar as hipóteses.

A teoria de Baumol faz uma distinção entre empreendedorismo produtivo, improdutivo e destrutivo com base na natureza das atividades desenvolvidas pelos empreendedores. O empreendedorismo produtivo envolve



RELISE

atividades que levam à inovação, ao crescimento econômico e à criação de valor para a sociedade. O empreendedorismo improdutivo envolve atividades que não contribuem muito para o crescimento econômico, como a busca por renda ou atividades que não geram valor significativo. O empreendedorismo destrutivo abrange ações que prejudicam ativamente a economia, como o crime organizado ou atividades que resultam em perdas para a sociedade. Stam (2015) e outros autores também fazem a distinção entre empreendedorismo produtivo ou denominações similares e outras formas de empreendedorismo.

É comum pensarmos que uma economia baseada em empresas privadas tem viés automático para a inovação, mas na verdade podem ter viés apenas para o lucro. Logo Baumol propõe uma visão diferente, sugerindo que empreendedores desempenham sempre um papel, mas podem seguir diferentes caminhos, nem sempre construtivos ou inovadores, dependendo das regras vigentes na economia.

As regras do jogo, que determinam os ganhos relativos das atividades empreendedoras, mudam de um lugar e tempo para outro, influenciando o comportamento empreendedor. O autor examina como tais mudanças afetam a economia e propõe que ajustar essas regras pode ser mais eficaz para promover o crescimento do que tentar despertar um suposto "espírito empreendedor". Minniti (2008) diz que as políticas governamentais são importantes para o empreendedorismo, especialmente no direcionamento para formas de empreendedorismo produtivo.

Voltando a Baumol, ele se baseia em evidências históricas para argumentar que a alocação de recursos empreendedores entre atividades produtivas e improdutivas pode ter um impacto profundo na inovação e no crescimento tecnológico. Explora também formas modernas de empreendedorismo improdutivo, como litígio, evasão fiscal e atividades rentistas,



RELISE

e como as mudanças nas regras podem direcionar esforços empreendedores para atividades mais produtivas.

Baumol propõe que, ao invés de tentar mudar os objetivos dos empreendedores, modificar as regras do jogo pode ser uma maneira mais eficaz de redirecionar os esforços empreendedores para metas produtivas. Essas regras podem ser ajustadas e modificadas para induzir empreendedores a se concentrarem em atividades mais construtivas para a economia.

Por fim, o autor ressalta a importância das regras e dos incentivos na determinação do comportamento empreendedor e conclui que a mudança estratégica nas regras pode influenciar substancialmente a direção das atividades empreendedoras, beneficiando o crescimento econômico. Neste ponto, entramos na importância dos ecossistemas empreendedores como fator de redirecionamento das regras do jogo.

## **O PAPEL DOS ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES POR MACRORREGIÃO NO CAMINHO DO EMPREENDEDORISMO PRODUTIVO**

As características do ecossistema podem influenciar a alocação dos esforços empreendedores e determinar se eles contribuem positiva ou negativamente para o desenvolvimento econômico. Um ecossistema empreendedor robusto pode atuar como um catalisador para nutrir e apoiar o empreendedorismo produtivo, alinhando-se aos objetivos de crescimento econômico e inovação destacados na teoria de Baumol, ao mesmo tempo em que mitiga a prevalência de empreendimentos improdutivos ou prejudiciais.

Um ecossistema bem desenvolvido tende a promover e incentivar o empreendedorismo produtivo, oferecendo recursos, mentoria, oportunidades de *networking* e um ambiente propício à inovação e à criação de valor. Ele pode incentivar e direcionar os empreendedores para atividades que contribuam positivamente para o crescimento econômico, ao mesmo tempo em que



RELISE

desencoraja ou limita o empreendedorismo improdutivo ou destrutivo. Por outro lado, em ecossistemas onde os recursos são escassos ou o acesso ao suporte é limitado, pode haver uma maior prevalência de atividades empreendedoras improdutivas ou até mesmo destrutivas. Os ecossistemas empreendedores também ampliam tanto a competitividade dos empreendimentos quanto a qualidade de vida de empreendedores e colaboradores e, em geral, a ideia de um ecossistema empreendedor se relaciona com articulação de atores, organizações públicas e privadas, e governo para a criação de um ambiente favorável ao empreendedorismo, especialmente o de alto impacto econômico e social (Gimenez *et al.*, 2022).

Segundo Stam (2015), os ecossistemas empreendedores são conjuntos de atores e fatores interdependentes que são coordenados para que o empreendedorismo produtivo seja possível. Os ecossistemas empreendedores desempenham um papel crucial no fomento ao empreendedorismo produtivo em diferentes macrorregiões. Segundo Gimenez *et al.* (2022, p. 83) “uma sociedade é positivamente impactada pelo seu ecossistema empreendedor à medida que novas empresas surgem e crescem assegurando a geração de inovações, empregos e renda”. Assim, cada região possui suas características distintas, moldadas por elementos como cultura, infraestrutura, acesso a recursos e políticas governamentais (Isenberg, 2011). Esses ecossistemas representam a interconexão dinâmica entre empreendedores, instituições acadêmicas, investidores, órgãos governamentais e a comunidade em geral.

Em diferentes partes do país, os ecossistemas empreendedores variam em maturidade e estrutura. Enquanto algumas regiões possuem uma densa rede de recursos e um ecossistema consolidado, outras estão em estágios iniciais de desenvolvimento. No entanto, em todas elas, a colaboração entre os diversos atores desempenha um papel fundamental na promoção de um empreendedorismo mais produtivo e inovador. A diversidade regional também



RELISE

influencia o tipo de empreendedorismo predominante. Enquanto algumas macrorregiões podem focar em tecnologia e startups de base tecnológica, outras priorizam setores como agronegócio, turismo ou economia criativa. A adequação do ecossistema às características locais é essencial para impulsionar um empreendedorismo que não apenas gera empregos, mas também agrega valor e promove o crescimento econômico sustentável (Gimenez *et al.*, 2022; Isenberg, 2011).

Assim, o fortalecimento dos ecossistemas empreendedores por macrorregião é uma estratégia-chave para estimular o empreendedorismo produtivo, criar oportunidades e alavancar o desenvolvimento econômico local, cada um deles adaptado às particularidades e potenciais de suas respectivas regiões.

## **AS ATIVIDADES ECONÔMICAS E OS SALÁRIOS MÉDIOS POR MACRORREGIÃO BRASILEIRA: PRODUTIVO, IMPRODUTIVO OU DESTRUTIVO?**

Em 2022, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) lançou a publicação Demografia das Empresas e Estatísticas de Empreendedorismo referente ao ano de 2020. Essa publicação discorre sobre o padrão demográfico das empresas formais brasileiras, em particular, os seus movimentos de entrada, saída e sobrevivência do mercado. Também traz o perfil socioeconômico das empresas de alto crescimento e das empresas gazelas. Essa publicação é o resultado da união de duas publicações anteriores, o estudo Demografia das Empresas, e o estudo Estatísticas de Empreendedorismo, ambos realizados pelo próprio IBGE.

Desta publicação, entre outros dados que são divulgados, foram selecionadas duas variáveis, o número de unidades locais e o salário médio mensal, por seções de classificação de atividades econômicas. Por meio do



RELISE

número de unidades locais buscou-se identificar a participação de cada uma das dezenove atividades econômicas por região e, pelo salário médio mensal, também por região.

Em relação ao número de unidades locais<sup>3</sup>, observa-se que a classificação de atividade “G - Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas” concentra 2.132.202 unidades, representando 37,45% do total das unidades no Brasil. Esta é a atividade, de longe, com maior concentração. Em seguida vem “M - Atividades profissionais, científicas e técnicas” e “C - Indústrias de transformação”, com 477.264 (8,38%) e 440.778 (7,74%) respectivamente. Todas as demais atividades concentram 46,42% das unidades locais.

Porém, ao desagregar por macrorregião, percebe-se que as proporções mudam. A atividade “G - Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas”, que no Brasil representa 37,45% das unidades locais, na região Sudeste representa “apenas” 34,1%, a menor proporção regional do Brasil, na Região Sul 36,5%, enquanto nas regiões Nordeste e Norte representam 46,2% e 49,1% respectivamente. Já em relação a “M - Atividades profissionais, científicas e técnicas” os números se invertem, com o Sudeste com 9,3% das unidades locais, Sul com 8,1% e Nordeste e Norte com 6,4% e 6,6% respectivamente. Em relação às indústrias de transformação, classificação C, a região Sul ostenta a maior proporção, com 10,6%, seguida de Sudeste com 7,0%. Norte e Nordeste têm as proporções de 6,9% e 6,2% respectivamente.

Atividades que podem ser associadas a atividades inovadoras, como a “J - Informação e comunicação”, possuem número bem discrepantes. No Sudeste, esta atividade representa 4,5% das unidades locais, no Sul 2,8%, enquanto no Nordeste e no Norte representam 2,3% e 2,0% respectivamente.

---

<sup>3</sup> Essa e as demais análises presentes neste editorial foram calculadas pelo autor com base nos documentos citados. As tabelas completas podem ser solicitadas por e-mail.



RELISE

Em relação ao salário médio mensal, em nível nacional, a classificação “K - Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados” ostenta a maior média mensal, com 7,08 salários-mínimos, seguida das atividades “D - Eletricidade e gás”, “B - Indústrias extrativas” e “J - Informação e comunicação”, com 6,84, 6,23 e 5,14 SM respectivamente. As classificações mencionadas acima, mais prevalentes em número de unidades locais, possuem os seguintes números: “C - Indústrias de transformação” 2,86 SM; “M - Atividades profissionais, científicas e técnicas” - 3,39 SM; “G - Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas” – 2,04 SM. Esta está na 13ª colocação entre as 19 atividades com salário médio mensal informado na publicação. Vale salientar que em todas as atividades há importantes diferenças regionais. Por exemplo, na classificação “J - Informação e comunicação”, a média da região Sudeste é de 6,37 SM, no Sul 3,92 SM, enquanto no Nordeste e Norte é de 2,56 e 2,27 SM respectivamente. Em termos de médias gerais, agregadas de todas as atividades por região, o Sudeste traz 2,94, Sul 2,43, Centro-Oeste 2,38, Norte 2,01 e Nordeste apenas 1,80 SM, ou seja, 61,2% da média do Sudeste. A média nacional ficou em 2,57 SM.

Quando se relacionam as duas variáveis, podemos observar alguns dados. As atividades com salário médio superior à média nacional, ou seja, superior a 2,6 SM, no nível nacional, nove entre as 19 atividades, concentram 28,8% das unidades locais e 38,6% do pessoal ocupado (16,1 milhões dos 41,7 milhões de pessoas ocupadas em todas as atividades econômicas). Dentre estas, apenas cinco (“M - Atividades profissionais, científicas e técnicas”; “C - Indústrias de transformação”; “H - Transporte, armazenagem e correio”; “J - Informação e comunicação” e “K - Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados”) concentram 97,3% das unidades locais e 95,0% do pessoal ocupado entre estas nove atividades com salário superior à média nacional. Nestas cinco atividades, as Regiões Sul e Sudeste possuem médias superiores



RELISE

em termos de unidades locais em relação às regiões Nordeste e Norte. No caso de “M - Atividades profissionais, científicas e técnicas”, com salário médio mensal de 3,4 SM, Sul e Sudeste possuem 8,1% e 9,3% de unidades locais nesta classificação contra 6,4% e 6,6% de Nordeste e Norte respectivamente. Em termos de “C - Indústrias de transformação”, Sul e Sudeste têm 10,6% e 7,0% contra 6,9% e 6,2% de Nordeste e Norte, em unidades locais. Esta classificação tem salário médio nacional de 2,9 SM. Por sua vez, “H - Transporte, armazenagem e correio” possui médias para S e SE de 6,2% e 4,6% e NE e N de 3,6% e 4,7%, aqui com a região Norte com 0,1% acima da região Sudeste, a única exceção entre todas as cinco classificações. Nesta, a média salarial é de 2,7 SM. “J - Informação e comunicação” tem no Sul 2,8% e no Sudeste 4,5% das unidades locais nesta classificação, contra 2,3% no Nordeste e 2,0% no Norte. Esta classificação tem salário médio mensal de 5,1 SM. Por último, a atividade “K - Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados”, com salário médio mensal de 7,1 SM, concentra 4,1% das unidades locais do Sudeste, 3,3% no Sul contra apenas 2,1% no Nordeste e 2,0% do Norte. Nas outras quatro classificações acima da média nacional, de 2,6 SM, as porcentagens de unidades locais são muito semelhantes entre as regiões (exceto para a classificação “D - Eletricidade e gás” em favor das regiões Nordeste e Norte), porém, como mencionado anteriormente, são classificações que concentram muito pouca porcentagem de pessoal ocupado entre as nove classificações com salário médio mensal acima da média nacional (apenas 5,0%) ou mesmo apenas 2,7% das unidades locais.

Assim, observa-se que as classificações com maiores salários médio mensais encontram porcentagens superiores nas Regiões Sul e Sudeste em comparação com as regiões Norte e Nordeste.

Porém, no sentido oposto, observamos que a classificação “G - Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas”, que possui um



RELISE

salário médio mensal de 2,0 SM, que representa 79,2% da média de todas as classificações em nível nacional, possui porcentagens de unidades locais significativa maiores nas regiões Nordeste e Norte em comparação com as Regiões Sul e Sudeste (NE = 46,2%; N = 49,1% contra S = 36,5%; SE = 34,1%). Vale salientar que esta classificação, como supracitado, é a que mais concentra pessoal ocupado (28% do total) e 37,5% das unidades locais em nível nacional.

As classificações com menores médias mensais, “S - Outras atividades de serviços” com 1,7 SM, “I - Alojamento e alimentação” e “R - Artes, cultura, esporte e recreação” com 1,4 SM, possuem proporções semelhantes entre as regiões S, SE, NE e N.

Deste modo, os dados sugerem que, embora haja uma presença considerável de atividades econômicas nas regiões Norte e Nordeste, particularmente no setor de comércio, as regiões Sul e Sudeste têm uma concentração relativamente maior de atividades associadas a salários mais altos e possivelmente a setores mais inovadores.

## **ISDEL E ALGUMAS REFLEXÕES**

Apesar da grande diversidade de modelos teóricos que se propõem monitorar e avaliar os ecossistemas empreendedores, na prática, somente alguns deles realmente avançaram na operacionalização de seus conceitos. No exterior podemos citar como exemplos o Índice de Condições Sistêmicas para o Empreendedorismo Dinâmico (IDE), de Kantis e colegas, o Global Entrepreneurship Index (GEI), de Ács e colegas, já descontinuado, e o Entrepreneurial Ecosystem Index (ESI) de Erik Stam e colegas. Também há alguns esforços nacionais, entre eles o Índice de Cidades Empreendedoras (ICE) desenvolvido em parceria com a Endeavor Brasil e a Escola Nacional de Administração Pública (ENAP) e o ISDEL - Índice Sebrae de Desenvolvimento Econômico Local, desenvolvido pelo Sebrae de Minas Gerais para todos os



RELISE

municípios brasileiros (Gimenez *et al.*, 2022). Nesta seção, abordaremos mais profundamente o ISDEL.

O ISDEL se baseia em diversos indicadores socioeconômicos, como renda per capita, emprego formal, educação, infraestrutura, acesso a serviços públicos, entre outros, para analisar o ambiente empreendedor e identificar oportunidades de crescimento e aprimoramento em determinada localidade. O índice sintetiza 106 variáveis, que são agrupadas em indicadores, disponibilizadas por fontes oficiais, divididas de acordo com as cinco dimensões da Abordagem DEL (Desenvolvimento Econômico Local) (ISDEL-SEBRAE, 2023). Compreender o ISDEL pode auxiliar os empreendedores a identificarem áreas promissoras para iniciar ou expandir negócios. Além disso, o índice também pode ajudar os gestores públicos e organizações a direcionarem políticas e investimentos de maneira mais estratégica, visando estimular o empreendedorismo, promover o desenvolvimento econômico e social e criar um ambiente propício para o surgimento e crescimento de novos negócios. No entanto, Gimenez *et al.* (2022) alertam que a agregação de diferentes indicadores em um único ranking pode ter um caráter mais midiático e o que realmente mais importa, ou seja, a preocupação com a avaliação das diferentes contribuições de cada uma das dimensões, tende a ficar em um segundo plano.

Em 2021, o ISDEL estava composto por cinco grandes dimensões, que são Capital Empreendedor, Tecido Empresarial, Governança para o Desenvolvimento, Organização Produtiva e Inserção Competitiva. Por sua vez, cada uma destas dimensões possui algumas subdimensões. Por exemplo, capital empreendedor possui três subdimensões que são Condições Empresariais, Educação e Educação Empreendedora. Já estas subdimensões possuem algumas variáveis. Por exemplo, a subdimensão Educação Empreendedora possui quatro variáveis, sendo elas, Clientes do Programa Empreendedor do Futuro (PF), Clientes do Programa Empreendedor do Futuro



RELISE

(PJ), Clientes PF do Sebraetec e Clientes PJ do Sebraetec. Vale salientar que em 2021 foi iniciado um projeto de reformulação do indicador, em parceria com o Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais (ISDEL-Sebrae, 2023).

Ao analisarmos as regiões, podemos notar que as médias entre 2015 e 2019 do ISDEL mostram uma grande desigualdade entre as regiões Sul e Sudeste e as regiões Nordeste e Norte. As médias aritméticas gerais, obtidas dos ISDEL de cada UF da região e dividida pelo total de UFs das regiões de todos os anos da série temporal, mostram que a Região Sul possui ISDEL de 0,577 e a Sudeste de 0,587. Ambos os índices são classificados como Alto em termos de faixa de desenvolvimento econômico<sup>4</sup>. Já os ISDEL das regiões Nordeste e Norte são de 0,404 e 0,420 respectivamente, ambos classificados como Médios.

A seguir, buscaremos analisar duas das dimensões ligadas a um empreendedorismo produtivo ou de alto desempenho que são Capital Empreendedor e Organização Produtiva. O Capital Empreendedor, que busca representar o estoque de capacidades empreendedoras do território, manifestado pela quantidade e qualidade de empresas, empreendedores e lideranças, traz como subdivisões, como já mencionado acima, educação, educação empreendedora e condições empresariais. Já Organização Produtiva, traz as subdimensões Estrutura Produtiva, Impacto Ambiental, Inovação, Potencial de Consumo e Crédito, além de Saneamento. Foram escolhidas essas dimensões pois nelas estão contidas questões como educação empreendedora e inovação, presentes em quase todos os modelos que visam avaliar ecossistemas empreendedores.

---

<sup>4</sup> A Estrutura do ISDEL posiciona os territórios entre uma escala que varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior o nível de desenvolvimento econômico. Os níveis de desenvolvimento econômico, representados pelo ISDEL, são: 0 a 0,150 – Muito baixo; 0,151 – 0,310 – Baixo; 0,311 – 0,470 – Médio; 0,471 – 0,630 – Alto; 0,631 – 1 – Muito Alto.



RELISE

Ao analisar a primeira dimensão, Capital Empreendedor, observa-se que as diferenças regionais persistem. Sul e Sudeste possuem ISDEL médio para o período de 2015 a 2019 de 0,551 e 0,517 respectivamente, contra 0,364 da região Norte e apenas 0,350 da Nordeste. Já a dimensão Organização Produtiva também apresenta disparidades relevantes. A Região Sudeste possui o ISDEL mais elevado, de 0,554 entre todas as regiões. Já o Sul possui índice de 0,498. No entanto, o Norte tem valor de 0,395 e o Nordeste de 0,388, significativamente inferiores a Sul e Sudeste.

Infelizmente, não há como avaliar as subdimensões e suas variáveis de cada uma das dimensões em níveis de UF e regiões, exceto se forem extraídos os dados de cada um dos 5.570 municípios brasileiros. Porém, como exemplo, a subdimensão Educação Empreendedora tem valores de 0,903 em Curitiba/PR, 0,320 em Florianópolis/SC, 0,440 em Caxias do Sul/RS, 0,567 em São Paulo/SP, enquanto cidades do Norte e Nordeste têm valores como: Belém/PA - 0,149; Recife/PE – 0,272; Petrolina/PE – 0,067. Há exceções, como Fortaleza/CE, com 0,690, porém as médias das dimensões retratam uma diferença significativa entre as regiões estudadas neste ensaio.

## **CONCLUSÃO**

Em um país tão vasto como o Brasil, as disparidades regionais são evidentes e impactam profundamente o desenvolvimento econômico e social. As diferentes macrorregiões possuem características singulares que moldam suas atividades econômicas, níveis de emprego, distribuição de renda e acesso a serviços básicos. Essas diferenças são reflexos das políticas públicas, infraestrutura, recursos naturais e investimentos disponíveis em cada região.

A análise das atividades econômicas revela um cenário complexo, onde algumas regiões demonstram maior concentração de atividades associadas a salários mais altos e setores inovadores, enquanto outras se destacam pelo



RELISE

predomínio de atividades comerciais com salários mais baixos. A distinção entre empreendedorismo produtivo, improdutivo e destrutivo, proposta por Baumol, traz luz sobre a natureza das atividades empreendedoras, destacando a importância das regras do jogo na alocação de recursos e esforços empreendedores.

Os ecossistemas empreendedores emergem como elementos fundamentais para impulsionar um empreendedorismo mais produtivo e equitativo em todas as regiões do Brasil. Esses ecossistemas, compostos por uma rede de atores, instituições acadêmicas, investidores e órgãos governamentais, desempenham um papel vital ao oferecer suporte, recursos e um ambiente propício à inovação e criação de valor.

A análise do Índice Sebrae de Desenvolvimento Econômico Local – ISDEL - destaca as desigualdades entre as regiões, apontando para diferenças significativas em dimensões como Capital Empreendedor e Organização Produtiva. Enquanto as regiões Sul e Sudeste apresentam índices mais elevados, indicativos de um ambiente mais propício ao empreendedorismo, as regiões Norte e Nordeste enfrentam desafios para alcançar um desenvolvimento econômico mais robusto.

Nesse contexto, a compreensão do ISDEL pode orientar tanto empreendedores quanto gestores públicos na identificação de áreas promissoras e no direcionamento estratégico de políticas e investimentos. No entanto, é importante ressaltar que a agregação de indicadores em um único ranking pode obscurecer nuances importantes, como a avaliação das contribuições individuais de cada dimensão.

O fortalecimento dos ecossistemas empreendedores por macrorregião emerge como uma estratégia crucial para estimular um empreendedorismo mais produtivo, promover oportunidades e impulsionar o desenvolvimento econômico local. A adaptação desses ecossistemas às particularidades e potenciais de



RELISE

cada região é essencial para fomentar um empreendedorismo que não apenas gere empregos, mas também agregue valor e promova um crescimento econômico sustentável e mais equitativo em todo o país.

## REFERÊNCIAS

Baumol, W. J. Entrepreneurship: Productive, Unproductive, and Destructive. **Journal of Political Economy**, 98(5), 893–921, 1990. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2937617>. Acesso em 02 dez. 2023.

Jimenez, F. A. P.; Stefenon, R.; Júnior, E. I. **Ecosistemas Empreendedores: O que são e para que servem?** Curitiba: PUCPress, 2022.

IBGE. **Demografia das Empresas e Estatísticas de Empreendedorismo: 2020**. IBGE, Coordenação de Cadastros e Classificações, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/servicos/22649-demografia-das-empresas-e-estatisticas-de-empreendedorismo.html?edicao=35216&t=publicacoes>. Acesso em 30 nov. 2023.

ISDEL-SEBRAE. **ISDEL - Índice Sebrae de Desenvolvimento Econômico Local**, 2023. Disponível em: <https://www.isdel-sebrae.com/>. Acesso em 01 dez. 2023.

Isenberg, D. **The Entrepreneurship Ecosystem Strategy as a New Paradigm for Economic Policy**: Principles for Cultivating Entrepreneurship. Institute of International and European Affairs, Dublin, Ireland, 12 May 2011, 1-13.

Minniti, M. (2008). The Role of Government Policy on Entrepreneurial Activity: Productive, Unproductive, or Destructive? **Entrepreneurship Theory and Practice**, 32(5), 779-790, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2008.00255.x>. Acesso em 01 dez. 2023.

Stam E. Entrepreneurial Ecosystems and Regional Policy: A Sympathetic Critique, **European Planning Studies**, 23:9, 1759-1769, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09654313.2015.1061484>. Acesso em 01 dez. 2023.